

Discursos nas redes X Silenciamento: mulheres negras no território político capixaba sobre o caso Marielle Franco

Sthefany
Duhz Cavaca/ curso de Comunicação
Social - Jornalismo
Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes
E-mail: duhzcavaca@gmail.com

Orientador(es): Prof^a Dra. Gabriela Santos Alves
Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes
E-mail: gabrielaalves@terra.com.br

Resumo

Após 19 meses do crime político que levou a morte de Marielle Franco e o seu motorista Anderson Gomes, o caso não foi solucionado. Estão sendo investigados dois suspeitos, um dos disparos e o outro que dirigia o carro, entretanto ainda sem respostas sobre o motivo e que levem ao mandante deste crime. Entendendo a repercussão e relevância deste caso não só para a sociedade brasileira, mas em âmbito mundial, a proposta deste artigo é refletir sobre o silenciamento e a produção de esquecimento, a partir da análise crítica do discurso produzido pelas mulheres negras capixabas eleitas até 2018 em suas redes midiáticas (Facebook, Instagram, site pessoal e site do partido), no período de 14 de março a 14 de abril de 2018, data que corresponde a um mês após o crime de Marielle. Dentre as 78 mulheres negras eleitas no estado do Espírito Santo, apenas uma se manifestou em relação ao caso.

Palavras-chave: Marielle Franco. Mulheres negras. Política brasileira. Análise Crítica do Discurso. Redes midiáticas.

Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o discurso produzido nas redes midiáticas (Facebook, Instagram, site pessoal e site do partido) das mulheres negras da política institucional capixaba em 2018, sobre o caso de Marielle Franco, no período de 14 de março a 14 de abril de 2018, tempo que configura um mês após o assassinato da vereadora carioca.

Este trabalho é um desdobramento da iniciação científica contemplada pelo edital PIIC (Programa Institucional de Iniciação Científica) de 2018-2019 da Universidade Federal do Espírito Santo. Na pesquisa intitulada “Marcas

narrativas do espaço midiático: mulheres negras no território político capixaba”.

O interesse pelo desenvolvimento da pesquisa vem a partir do incômodo de uma série de situações que ocorrem e demarcam questionamentos sobre a presença feminina em territórios públicos e de poder e principalmente com o marco do crime contra Marielle Franco.

Estudar Marielle e as mulheres negras eleitas da política capixaba se justifica na relevância da representatividade da mulher negra na política brasileira, considerando a luta pela emancipação feminina e igualdade de gênero que, historicamente, mulheres negras estão a passos lentos e distantes de mulheres não negras. A exemplo da busca pelo direito de voto às mulheres, “as mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino” (DAVIS, 2016, p.146). A construção da subalternidade, da falta de representação da voz e ser ouvida, é agravada com os “requisitos” de classe e cor. De acordo com Spivak (2010, p.85) “(...) se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.”

Neste horizonte, temos Marielle Franco. Marielle era uma mulher preta, lésbica, periférica vinda da Favela da Maré, com ideais e lutas progressistas que ocupou o mesmo território público e de poder, a política institucional brasileira. Marielle foi eleita vereadora do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com 46.502 votos, foi também presidenta da Comissão da Mulher da Câmara.

De acordo com pesquisa da organização Gênero e Número, as vereadoras eleitas no Brasil autodeclaradas pretas somam 328 mulheres, representando 0,6% do total de 57,8 mil vereadores eleitos em 2016. Foram eleitas pardas 2.546 mulheres, sendo 4,4% do total. Juntas, estas mulheres negras representam 5% da vereança no país (GÊNERO E NÚMERO, 2018). Ainda na eleição de 2016, o percentual de mulheres negras candidatas ao cargo de vereadora era de 14,2% e já ao cargo de prefeita, cai para 0,13% segundo pesquisa do portal Politize (POLITIZE, 2018).

Diante dessa conjuntura política, Marielle Franco se destacou e venceu a disparidade de ocupar cargos de poder, foi assassinada em 14 de março de 2018. Após 19 meses do crime político que levou à sua morte e de seu motorista Anderson Gomes, o caso não foi solucionado. As investigações indicam que os disparos foram feitos de uma submetralhadora HK-MP5, de

calibre 9 mm, porém esta arma ainda não foi encontrada. Estão sendo investigados dois suspeitos, um dos disparos e o outro que dirigia o carro, entretanto ainda sem respostas sobre o motivo e que levem ao mandante deste crime.

Marielle Franco tem uma vasta representatividade, com sua luta pelos direitos humanos, mulher preta e lésbica, ocupando um cargo público e de poder é brutalmente assassinada. Com o caso ainda não solucionado, há expectativa da sociedade perante o governo, as representações políticas e da mídia, enquanto poderes e enquanto autoridades, seus posicionamentos e a resolução sobre o caso.

Sendo assim, com o olhar no estado Espírito Santo, tendo em vista a relevância da representatividade feminina negra na política brasileira, dos discursos e posicionamentos que são produzidos por elas e, também, na memória que se constrói a partir de um marco tão importante na história política brasileira, que é o assassinato de Marielle Franco, é prosto neste artigo a reflexão com base na metodologia de análise crítica do discurso, verificar quais os posicionamentos políticos demarcados sobre o caso Marielle Franco pelas mulheres autodeclaradas negras capixabas eleitas (prefeitas, vereadoras, senadoras e deputadas) até 2018, em suas redes midiáticas (site pessoal, site do partido, Facebook e Instagram), no período de 14 de março a 14 de abril de 2018, que configura um mês após a morte de Marielle e Anderson Gomes, com expectativa de contribuir a visibilidade, a produção de ciência, história e memória da sociedade brasileira.

Metodologia

Coletamos os dados, organizamos em tabela excel e verificamos a partir da análise de discurso crítica (ADC), com as contribuições de Gabrielli (2008), as publicações nas redes sociais (Facebook, Instagram, site do partido e site pessoal) das vereadoras, prefeitas, deputadas e senadoras autodeclaradas negras (pretas e pardas), eleitas até 2018. As postagens do Facebook foram coletadas pelo aplicativo Netvizz v1.6. Os sites pessoais, do partido e Instagram foram verificados manualmente dentro do período de 14 de março a 14 de abril de 2018.

Ao mapear o estado do Espírito Santo, verificou-se o total de 78 mulheres

eleitas sendo uma senadora, cinco deputadas estaduais, quatro prefeitas e 68 vereadoras. Dentre elas, 35 parlamentares declaram-se pretas ou pardas.

Até as últimas eleições do ano passado, eram cinco deputadas estaduais que atuavam no Poder Legislativo Estadual, Janete de Sá (PMN), Eliana Dadalto (PTC), Luzia Toledo (MDB), Raquel Lessa (PROS) e Cláudia Lemos (PRB).

Dentre as parlamentares, somente Janete de Sá e Luzia Toledo se autodeclararam pardas. Não encontramos os sites pessoais de ambas parlamentares. Observamos também que em seus respectivos perfis no Instagram e no site de seus partidos, não há publicações em referência à Marielle no período coletado. No Facebook da deputada Luiza Toledo, das 63 postagens no Facebook no período de análise, nenhuma está relacionada à Marielle.

Dentre as 56 postagens na página do Facebook da deputada Janete de Sá, localizamos uma única publicação no dia 15 de março de 2018 sendo uma nota de pesar à Marielle Franco.

The image shows a screenshot of a Facebook post from the profile of Janete de Sá (@depjanetedesa). The post, dated March 15, 2018, is a text-based note of condolence for Marielle Franco. The text of the post reads: '| Nota de Pesar | É com muita tristeza que recebemos a notícia do assassinato de Marielle Franco, vereadora carioca do PSOL, e do trabalhador, Anderson Pedro Gomes, seu motorista, no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, após participar de um evento dos 21 dias de Ativismo Contra o Racismo. Ela exercia o seu primeiro mandato, mas já era uma grande conhecida da população do Rio por sua militância na área de Direitos Humanos e nas favelas. Feminista, negra, comprometida com a construção de outra sociedade e com o fim das injustiças sociais, Marielle Franco foi barbaramente silenciada na noite dessa quarta-feira (14). Recentemente, foi indicada como relatora da Comissão que irá acompanhar a Intervenção Federal no Rio, além de denunciar a morte de jovens por policiais em Acari e de outros bairros pobres do Rio de Janeiro. A sociedade exige uma investigação independente desse bárbaro assassinato. Toda a minha solidariedade aos familiares e companheiros de luta! MARIELLE FRANCO, PRESENTE!'. Below the text is a graphic with the text 'EU SOU PORQUE NÓS SOMOS' at the top, a silhouette of a Black woman's head with a colorful headband, and the name 'Marielle' in large purple script, with 'PRESENTE!' in red capital letters at the bottom.

A nota de pesar no Facebook de Janete de Sá representa uma parcela baixíssima de menção à Marielle. Mulheres políticas se posicionando em seus canais midiáticos sobre a vereadora é não só dar visibilidade mas também exercer o cargo político que ocupam. O não posicionar em seus canais midiáticos sinaliza um silenciamento diante do caso. O que se evidencia é a construção de uma memória da política brasileira recente que não tem um posicionamento e resposta certa das autoridades sobre o caso Marielle Franco. Quando a voz de uma mulher é silenciada, como foi a de Marielle com a sua vasta representatividade, todo um grupo social é silenciado. Quando um fato é silenciado, ele não é dito. E o não dito, não se perpetua pois não há registro, não há história e nem memória. Os resultados apontam, cientificamente, para a produção da história e memória de Marielle baseada no não dito, o não se posicionar, o não questionar, o não solucionar.

Referências Bibliográficas:

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GABRIELLI, Cassiana P. (2008). **Análise crítica do discurso e teoria feminista – Diálogos frutíferos**. {online}. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CASSIANA%20PANISSA%20GABRIELLI.pdf>>. Acesso em 03 nov 2019.

GÊNERO E NÚMERO. Mulheres pretas, como Marielle, são menos de 1% nas câmaras de vereadores do Brasil. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/mulheres-pretas-como-marielle-sao-menos-de-1-nas-camaras-de-vereadores-do-bras/>>. Acesso em 02 nov 2019.

POLITIZE. Mulheres negras em cargos de poder no Brasil. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mulheres-negras-em-cargos-de-poder-no-brasil/>>. Acesso em: 11 nov 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Minas Gerais: UFMG, 2014. 174 p.